

## **PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO E FORMAS DE SOCIALIZAÇÃO EM MINAS GERAIS: ANOS 20/30, SÉCULO XX**

MELO<sup>1</sup>, Cleide Maria Maciel de – UFMG – cleidemaciel@uol.com.br

GT: História da Educação / n.02

Agência Financiadora: CNPq e FAPEMIG

Em termos gerais, esta pesquisa pretende compreender as *implicações/dimensões sociais, culturais e políticas* do processo de escolarização em Minas Gerais, a partir da análise das formas de socialização da criança preconizadas para a escola e outros espaços educativos como a família, a igreja, o trabalho, a rua/vizinhança/lazer, num tempo situado entre os anos 20/30, do século vinte.

De um modo específico, pretendo: identificar os sentidos/significados da socialização bem como as apropriações pertinentes; identificar a relação entre fins e meios preconizados para a socialização; estabelecer a relação entre os diversos espaços educativos responsáveis pela socialização; identificar as tensões presentes no debate sobre a socialização, os grupos/pessoas envolvidos/as e as formas de circulação de suas idéias/interesses.

No exercício inicial para estabelecer os contornos do meu objeto de pesquisa, escolhi abordar o tema da socialização da infância em Minas Gerais a partir das suas relações com o processo de escolarização, entendido este, numa das acepções que lhe empresta Faria Filho (2003, p. 78), como “*o processo e a paulatina produção de referências sociais tendo a escola, ou a forma escolar de socialização e transmissão de conhecimentos, como eixo articulador de seus sentidos e significados*”.

### QUESTÕES

Neste trabalho, apresento as primeiras análises produzidas no projeto que venho desenvolvendo para minha tese de doutoramento. Como ponto de partida, dois conjuntos de questões foram construídos. O primeiro, diz respeito aos sentidos/significados de socialização que podem ter circulado no período em estudo. A partir daí, decorrem outras indagações: — Que marcas distinguem ou aproximam a socialização levada a efeito pela escola, família, igreja, trabalho, rua/vizinhança/lazer? É possível identificar apropriações relativas aos significados de socialização, tanto de uma

---

<sup>1</sup> Pesquisa em andamento, no curso de doutorado do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, sob a orientação do prof. doutor Luciano Mendes de Faria Filho e vinculada ao GEPHE/Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação

instituição para outra quanto a partir das teorias sócio-pedagógicas que circulavam no período?

O segundo conjunto de questões, assim pergunta: — Quais os fins da socialização e que meios são propostos para atingi-la? Se concordarmos com Weber (2001) que afirma que os fins dizem respeito aos sentidos, então a resposta a essa questão mantém uma relação direta com as respostas construídas para o primeiro grupo de questões. Além disso, pode-se perguntar ainda: — As discussões a respeito dos meios que promovem a socialização, apontam, na verdade, para divergências quanto aos fins, mesmo que se afirme o contrário? Que meios de socialização são pensados pela e/ou para escola, família, igreja, rua/vizinhança/lazer, trabalho? Os fins/meios de socialização se diferenciam quando estão vinculados a cada uma dessas diferentes instituições?

#### FONTES

Algumas fontes consultadas, até o momento, possibilitaram essas primeiras análises. A primeira é a Revista do Ensino, periódico publicado pela Diretoria de Instrução Pública de Minas Gerais a partir de 1925, e onde encontrei o texto que produziu as primeiras indagações (Murgel, 1933). A segunda, são os regulamentos de ensino relativos às reformas feitas por Francisco Campos, no período de 1927 a 1930. Aparentemente, é nesses documentos que a palavra *socialização* surge pela primeira vez, na legislação mineira. E por fim, o último conjunto de fontes se refere às obras publicadas pelos educadores/técnicos/professores no período em estudo, obras essas que colocaram em circulação as idéias/propostas que defendiam/refutavam, a partir das quais estabeleciam um diálogo entre os pares ou um debate entre os opositores. Desse grupo, já trago para um diálogo nesse trabalho um livro escrito por Lúcio José dos Santos (1936).

#### ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

Nesta pesquisa tenho buscado experimentar as possibilidades “epistêmico-estratégicas” disponibilizadas pela micro-história/microanálise, enquanto modalidade de pesquisa histórica que é feita a partir da perspectiva de *escalas* (REVEL, 1998). Para Revel, *variar a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama ... buscando integrar e articular entre si o maior número de propriedades da realidade histórica* (p. 20-21).

Além da ênfase na variação de escalas de observação/análise, dois outros aspectos parecem marcar essa abordagem: a importância da experiência dos sujeitos envolvidos nos eventos/situações acolhidos na pesquisa através das fontes e à prática de pesquisa dos historiadores (dimensão empírica). Por fim, nas microanálises, são privilegiados os *fenômenos de circulação, de negociação, de apropriação em todos os níveis*. Para Revel tais operações *não podem ser pensadas fora dos efeitos de poder próprio das sociedades fortemente hierarquizadas e não-igualitárias*.

## PRIMEIRAS ANÁLISES

Em consultas à *Revista do Ensino* depositadas no Arquivo Público Mineiro, deparei-me com um texto escrito por Maurício Murgel<sup>2</sup> intitulado *Em torno da socialização*. Esse texto constituiu-se no ponto de partida para a problematização desta pesquisa. Segundo o autor, a socialização tem um duplo sentido: *integração da escola no conjunto social e preparação do aluno para a vida em sociedade*. Entretanto, há um determinado sentido de socialização que *não podemos admitir e devemos evitar*. Segundo ele, *não está na socialização mesma o perigo, mas na moldura filosófica dentro da qual seja considerada*. Para Murgel, essa *moldura filosófica* tem duas origens: o naturalismo pedagógico *iniciado* por Rousseau ou a concepção aristotélico-tomista do universo. É a socialização compreendida sob os fundamentos instituídos por Rousseau que Murgel condena. Para ele, tal abordagem *é sintoma de uma preocupação sociologista que se seguiu à uma preocupação psicologista do século dezoito*. Neste sentido, a socialização é... *processo de perpetuação e desenvolvimento da sociedade*. Esta concepção, ele a retira de uma obra cuja referência se encontra no rodapé da página, uma prática não muito usual, ainda neste tempo. Trata-se de *A brief course in the history of education*, p. 369, do livro de Monroe<sup>3</sup>.

Em seus argumentos contra essa concepção de socialização, Murgel refere-se a outro autor, o russo Albert Pinkevich, e à sua obra: *La nueva educación en la Russia soviética*. Na transcrição, Pinkevich afirma que a *'base principal das instituições oficiais de educação pública deve ser sua proletarianização ou, por outras palavras,*

---

<sup>2</sup> Maurício Saldanha da Gama Murgel foi prof. da Escola Normal de Juiz de Fora. A partir de 1932, exerceu as funções de vice-diretor da Escola Normal Modelo em Belo Horizonte e de chefe do corpo técnico da Secretaria de Educação, a convite do então secretário, Noraldino Lima. Faleceu em abril de 1934, aos 32 anos de idade.

<sup>3</sup> Este é o título original da obra *História da Educação*, escrita em 1907, por Paul Monroe.

*sua socialização*'. Pinkevich, por sua vez, cita ainda Natorp<sup>4</sup> para criticar a ausência de um *sistema de educação socialista* em sua proposta, apesar de seu *socialismo*. Entretanto, Murgel não apresenta os argumentos que justificam sua defesa da concepção aristotélico-tomista. Segundo ele, ainda, a socialização deve *resultar da influência total da escola sobre os alunos*. Nesse sentido, os meios para alcançá-la situam-se para além das *reuniões sociais, gremios e clubes* e podem também ser situados no *método de ensino, no programa e na disciplina*.

Na exposição de motivos do Regulamento do Ensino Primário, o então secretário do Interior, Francisco Campos faz referência à *dupla finalidade* da escola: *adaptar a criança à vida social, fazendo-a assimilar a ordem intellectual e moral reinante e reagir sobre a sociedade... introduzindo-lhe na circulação fermentos e reactivos que lhe provocam alterações e transformações profundas...* Para isso, é *necessário socializar a vida na escola...* Os meios para alcançar tal fim são algumas atividades como: *os clubs, a família escolar, o conselho de estudantes, os jogos athleticos, as publicações como revistas e jornaes, etc.* Já no Regulamento do Ensino Normal e no Regulamento da Escola de Aperfeiçoamento, a socialização é uma disciplina do currículo e uma função (é criado o cargo de *socializadora*, compondo a direção da escola).

O livro de Lúcio José dos Santos<sup>5</sup> (SANTOS, 1936), intitulado *Philosophia, pedagogia, religião*, apresenta no capítulo VII — *Sociologismo* — alguns elementos que interessam a esta pesquisa. Segundo sua abordagem, a ênfase na sociedade que se *transforma na grande e unica realidade*, traz como consequência a *socialização da Psychologia, da Historia, da Educação, do Trabalho e da Industria*. Essa socialização tem como *procures os radicaes: Dewey, Kerschensteiner, Bergemann, Natorp e Durkheim*. Em seguida, apresenta as idéias básicas de cada autor e as refuta, principalmente as de Dewey e de Durkheim. Em contrapartida, acolhe as idéias da pedagogia social dos moderados como Pestalozzi, Willmann, Paulsen e outros. Em suas análises e argumentos, estão presentes a polarização entre individualismo e socialismo no campo da pedagogia que se resolve com a entrada de terceiro pólo: a religião. Assim, ele conclui: — *Adaptação social-pedagogica e não reforma radical, evolução e não*

---

<sup>4</sup> Refere-se a Paul Natorp e à sua *pedagogia social idealista, baseada na filosofia de Kant* (Luzuriaga, 1951).

<sup>5</sup> Nasceu em Ouro Preto, em 1892. Foi diretor da Instrução Pública de Minas Gerais, no período de 1924 a 1927. Em 1929, como diretor, iniciou a organização da Escola de Aperfeiçoamento. Foi reitor da Universidade de Minas Gerais (1931 a 1933) entre outras funções.

*revolução, nada de ruptura com a educação tradicional, mas coroamento social da educação ethico-religiosa e aprofundamento ethico-religioso da educação social* (p. 291).

Socialização da/na escola, socialização do aluno, socialização da psicologia, da história, da educação, do trabalho, da indústria. Socialização da sociedade? Esses primeiros textos analisados apontam para uma multiplicidade de sentidos/fins da socialização. As dificuldades de uma produção analítica inicial, mesmo que provisória, apontam para algumas hipóteses. Primeira, a de que será necessário compreender as apropriações das obras/autores citados nos textos. E em segundo lugar, identificar os vínculos socioculturais, políticos e econômicos a que estavam submetidos os sujeitos que as produziram.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico-metodológicas e perspectivas de pesquisa. In: VEIGA, Cynthia Greive e FONSECA, Thais Nívea de Lima e (orgs). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 77 – 97.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio e CALDEIRA, Sandra. História da Educação em Minas Gerais: um pequeno balanço e algumas perspectivas de pesquisa (1985-2001). In: GONDRA, José Gonçalves (org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 221-242.
- LUZURIAGA, Lorenzo. **A pedagogia contemporânea**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1951.
- MURGEL, Maurício. Em torno da socialização. **Revista do Ensino**, Ano VII, nº 81, p. 4-6, fev 1933.
- REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 15-38.
- SANTOS, Lúcio José dos. **Philosophia, pedagogia, religião**. São Paulo: Melhoramentos, 1936.
- WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. 3 ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp. 2001. Parte 2.

